

# JUSTIÇA & CIDADANIA

revistajc@revistajc.com.br - www.revistajc.com.br

EDITORIAL: CAÇA AS BRUXAS



DES. MIGUEL PACHÁ, PRESIDENTE DO TJ / RJ

# UM EXEMPLO A SER SEGUIDO



# A LUTA DE SAN TIAGO

Dr. Marcílio Marques Moreira

**J**unho de 1964. Amanhece um domingo radiante em Paris. San Tiago resolve visitar Chartres, despedir-se de Chartres. Tomamos o mesmo caminho tantas vezes percorrido por Péguy, através dos trigais de Reauce. Súbito, surge no horizonte da Planície o perfil da Catedral de Chartres e San Tiago, lembrando-se da véspera, em que assistimos à cerimônia do 8º centenário de Notre Dame, recita o poeta:

*"Nous arrivons vers vous de l'autre Notre Dame,*

*De celle qui s'élève au couer de la cité*

*Dans sa royale robe et dans sa majesté,*

*Dans sa magnificence et sa justesse d'âme"*

Aproximamo-nos e penetramos, comovidos, a nave da Catedral. Acompanhamos, como que por milagre, uma legião de anjos, um grupo de crianças, todas de branco, que caminhavam para a sua primeira comunhão. E ressoa, grave, majestoso, o órgão, completando o espetáculo de grandeza: a infância diante do eterno, a frescura das roupas brancas refletindo a luz escura que filtra através dos vitrais, aqueles rostos alegres face aos tons severos da pedra e da música. San Tiago, discretamente, enxuga uma lágrima que lhe corre pelo rosto. Como sabia apreciar a grandeza, o sublime e como desprezava a mesquinha, o fútil, o acessório. Pensava e via, ou melhor previa, em grandes linhas; no xadrez da vida - e da morte - jogava muitos lances à frente do comum dos homens.

Seu desprezo pelo mesquinho não afastava, entretanto, sua curiosidade insaciável pelo detalhe, pelo humilde e pelo dado preciso. Livro em punho, percorre minuciosamente as fachadas, comenta a estatutária anônima, admira os vitrais, explica os pormenores arquitetônicos.



Mas o cansaço e a dor não o deixam prosseguir. Vai repousar-se uns instantes, mas não para voltar, porém para continuar. Quer visitar Illiers, o Combray da infância de Proust.

Diante da igreja do vilarejo, entre românica e gótica, da casa de tia Léonie e de Françoise, no jardim "dy côté de chez Swann", era o reencontro do tempo perdido. Lembrado do adiantado da hora, responde ser esta a última oportunidade de conhecer diretamente o que só conhecia,

embora tão de perto, através da leitura de u de seus autores preferidos. Pergunta pelas *aubépines*, mas já haviam murchado. Em vida não teria a oportunidade de ver as *aubépines* florir, como também não lhe seria dado ver desabrochar muitas outras flores, que cultivara com tanto zelo.

A irremediabilidade do tempo foi um constante tema de sua reflexão. Era o que o fascinava em Bergson e Proust, ambos voltados

para o mistério do fluir do tempo, e também em Baudelaire, cujos versos sabia de cor: "O *douleur, ô douleur! le Temps mange la vie*". Em nenhum outro momento de sua vida lutou tanto contra o tempo do que no seus três últimos anos de sofrimento, em que se via progressivamente corroído pela doença e pela dor. Mas não desanimava. Lutava dia e noite consciente da verdade de Epicteto expresso em máxima que costumava repetir: "Por que temer a morte? Não interessa o quanto vivemos, mas sim como vivemos."

Essa vitória sobre o tempo entendia só poder ser alcançada pela ação e assim superara o studosismo de Proust, para se entregar de corpo e alma a uma ação modeladora da realidade. Até os últimos instantes de sua existência, nunca se resignou a posição de mero observador e intérprete dos acontecimentos, queria atuar sobre os mesmos, modificá-los, reformulá-los, não só em teoria, mas sobretudo pela prática. Dele foi dito com acerto que era um homem dedicado à praxis. Donde seu fascínio pela figura de Fausto, que ao traduzir "no princípio era o verbo" abandona a tradução consagrada para *logos* e escreve "no princípio era a ação".

Sua ação não era uma ação por si mesma, um movimentar-se sem rumo, não se confundia com agitação; era sim uma ação consciente, vetorial, teleológica, baseada no conhecimento seguro dos dados e dos modelos teóricos e visando a um fim pré-determinado. Seu espírito se debatia na tensão por ele muitas vezes lembrada entre a atitude apolínea e a dionísica, a mesma contradição que, na interpretação de Nietzsche, caracterizava o espírito grego. E me parece expressivo que, se no terreno da sensibilidade seu espírito encontrava enorme afinidade com a alma francesa, se no campo do direito o exemplo de Roma era preponderante, sua *Weltanschauung* foi sobretudo marcada pelo espírito grego e pelo gênio alemão. Nele se encontravam Prometeu e Fausto, e também Aristóteles e Kant.

Se quis, assim, vencer o tempo através da ação, era porque seu pensamento sempre se formulava em termos históricos. Sem cair nos excessos do historicismo, era um homem inserido na História e profundamente sensível às suas pulsações. E queria também ver o Brasil acompanhar, e se possível adiantar-se, ao movimento da História. Por isso, angustiava-se ao ver malbaratadas as condições indispensáveis à viabilidade do projeto brasileiro por incompetência, por desatenção absoluta às normas de eficiência, por insuficiente coragem e perseverança ou por incompreensão da necessidade de pronta implantação, não verbal

ou agitational, mas efetiva e democrática, das indispensáveis reformas políticas, econômicas e sociais.

Sua política externa independente resultava também desse desejo de ver nosso País atuando decisivamente no desenrolar do processo histórico atual e não caudatário de processos exógenos ou absorto na discussão de temas superados.

E sua atuação na Pasta da Fazenda - que está a exigir estudo mais aprofundado - se pautou pelo mesmo objetivo de modernização da sociedade pela criação das condições necessárias ao *take-off* para o desenvolvimento auto-sustentável, através da melhoria dos níveis de eficiência da sociedade pelo controle da inflação, pela concentração de recursos financeiros em obras-chave (como a estrada Rio-Bahia, a Usina Hidrelétrica de Furnas e as Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais) e pela realização de reformas efetivas como a que conseguiu implantar na zona caruiveira através de convênio pelo qual foi possível aos usineiros entender de fato àquela área o salário mínimo rural.

Entristecia-se ao ver nossas elites despreparadas para o exercício consciente da liderança, mas nunca perdeu a fé nos destinos do País, sobretudo porque o animava a "convicção sincera na capacidade de nossas classes populares para impulsionar, no sentido da renovação, da revolução democrática, o curso de nossa história".

Diante desta confiança profunda nas intuições do povo, redobrava sua pregação para "acelites se modernizarem e modernizarem o País". Lembrava que a maioria dos países subdesenvolvidos, sobretudo da América Latina, haviam perdido sua grande oportunidade histórica ao se terem divorciado das correntes de renovação científica e tecnológica da primeira revolução industrial. E advertia que "o subdesenvolvimento que resultará da perda de contato com a ciência e tecnologia da era cósmica será muito mais grave do que o anterior, iniciado nas primeiras décadas da era industrial".

San Tiago conseguiu aliar todas essas influências e preocupações multiformes para moldar com elas uma personalidade integral. Era um humanista no sentido mais vivo da palavra e não escondia sua predileção pelos espíritos globais como os de um Leonardo da Vinci, cuja obra e vida estudou profundamente, havendo planejado completar um estudo sobre o humanista renascentista, em que admirava a combinação de sensibilidade artística, vigoroso espírito criador, intelecto lúcido e marcada curiosidade pelo progresso da ciência e técnica.

Estas reflexões preliminares não estariam completas se deixasse de mencionar que também encontrava exemplo no grande

herói de Cervantes. Em sus palavras "o Quixote nos transmite uma lição de purificação do mundo pelo heroísmo, não por um heroísmo de tipo hercúleo, mas por um outro feito de fé inigualável, pureza perfeita, e de um atributo que a todos resume - o dom de si mesmo".

Esse ideal ele o veio realizar em plenitude durante os últimos anos de vida, marcados pelo heroísmo tranqüilo com que enfrentou a doença, em que os poucos momentos de alívio só vinham exacerbar as subsequentes desilusões e desenganos. Ao sofrimento somava-se o espectro da morte que se para ele não era uma certeza - nunca perdeu a esperança - não deixou de ser uma constante companheira, ao menos desde sua estada em Washington, onde em agosto de 1963, pouco depois de regressar do hospital, recitava Garcia Lorca, chamando a atenção para o verso:

*"Ay Antoñito el Camborio  
digno de una emperatriz  
acuerda-te de la Virgen  
porque te vas a morir."*

Mas, a presença da morte não conseguiu fazê-lo desistir de planejar o futuro e continuar trabalhando para sua concretização. Em Washington, ao mesmo tempo em que se aprofundava na leitura dos estoicos e se iniciava, maravilhado, na de Teilhard de Chardin, procurava burilar sua fonética inglesa através das mais modernas técnicas, em curso iniciado no próprio hospital à véspera de grave operação, e delineava o esquema de um livro-manifesto, que infelizmente nunca chegou a redigir: *Idéias-Mestras para o Projeto Brasileiro*.

O título é expressivo, pois cada vez mais em sua vida se concentra sobre as idéias-mestras, abandonando o ornamental e adjetivo. É que seu estoicismo consciente exerce sobre ele o efeito de purificação que traçou naquelas linhas em que retrata o Quixote. E assim se expande sua capacidade de percepção, tal como sucedeu ao Corneteiro Rilke, cujo Poema da Vida e Morte, San Tiago se deleitava em lembrar: "Nur in der Nacht manchmal glaubt man den Weg zu kennen". (Só às vezes, à noite, é que se pensa conhecer o caminho). E este caminho o levaria cada vez mais perto do essencial, do transcendente, do absoluto.

*Presidente da Associação Comercial  
do Rio de Janeiro*